

Uma leitura dialógica com enunciados outros: a orientação acadêmica em foco

A dialogical reading with other statements: academic orientation in focus

Yasmim Pereira de Oliveira¹

Universidade Federal Fluminense

pereirayasmim@id.uff.br

<https://orcid.org/0000-0001-8854-451X>

Jéssica do Nascimento Rodrigues²

Universidade Federal Fluminense

Jessica_rodrigues@id.uff.br

<https://orcid.org/0000-0002-5859-0571>

Resumo: Este estudo ancora-se em uma das pesquisas desenvolvidas pelo GE-
PLEA/LabLA, acerca das relações dialógicas entre orientadores/as e orientandos/as
no processo de produção do gênero discursivo monografia nos cursos de licenciatura
da UFF. Intencionamos apresentar um levantamento bibliográfico sobre orientação
acadêmica na sua relação com a autoria, cotejando-o com enunciados produzidos em
situação de entrevista pelos sujeitos participantes da pesquisa: estudantes dos cursos
de Pedagogia, História, Educação Física e Filosofia que estavam em fase de elabora-
ção de monografias. Antes da entrevista, cabe mencionar, o dispositivo questionário
foi aplicado como um contato inicial com os/as estudantes. O aporte teórico-meto-
dológico utilizado foi a Análise Dialógica do Discurso, cuja base é o cotejo como
possibilidade de compreensão dos múltiplos sentidos de um texto no contato com
outros. Essa sinfonia de vozes em diálogo apontou para a autoria enquanto fenôme-
no resultante do processo de intervenção do orientador no texto do orientando para
que, no diálogo, este encontre subsídios à escrita do trabalho final e amadureça o seu
fazer autoral e científico na realização de um estudo acadêmico. No cotejo, observa-
mos como papel do orientador o de ser um outro que, embora em posição distinta do
orientando, se compromete eticamente com aquela produção escrita, como exceden-
te de visão, e com a formação do futuro profissional, pesquisador, professor.

Palavras-chave: orientação acadêmica; autoria; monografia.

¹ Mestre em Estudos de Linguagem pela Universidade Federal Fluminense.

² Doutora em Educação e professora adjunta da Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense (FEUFF).

Abstract: This study is anchored in one of the research projects developed by GEPLA/ LabLA, about the dialogical relationships between supervisors and students in the process of producing the discursive genre of monographs in undergraduate courses at UFF. We intend to present a bibliographical survey on academic supervision in its relationship with authorship, comparing it with statements produced in an interview situation by the subjects participating in the research: students from the Pedagogy, History, Physical Education and Philosophy courses who were in the process of preparing their monographs. Before the interview, it is worth mentioning that the questionnaire was used as an initial contact with the students. The theoretical-methodological support used was Dialogical Discourse Analysis, whose basis is comparison as a possibility of understanding the multiple meanings of a text in contact with others. This symphony of voices in dialogue pointed to authorship as a phenomenon resulting from the supervisor's intervention process in the student's text so that, in the dialogue, he/she finds support for writing the final work and matures his/her authorial and scientific work in carrying out an academic study. In the comparison, we observed the role of the advisor to be someone else who, although in a different position from the student, is ethically committed to that written production, as a surplus of vision, and to the training of the future professional, researcher, teacher.

Keywords: academic supervision; authorship; monograph.

Questões introdutórias

Nossa proposta de estudo ancora-se em uma das pesquisas desenvolvidas no âmbito do GEPLA (Grupo de Estudos e Pesquisa em Leitura e Escrita Acadêmica) e LabLA (Programa de Ensino e Extensão Laboratório de Letramentos Acadêmicos), intitulada *Relações dialógicas entre orientadores/as e orientandos/as: o processo de ensino-aprendizagem da pesquisa e da docência mediante produção do gênero discursivo monografia nos cursos de licenciatura da UFF* – a qual nos referimos como a pesquisa maior, que norteia os recortes de pesquisas seguintes (como o presente estudo), pelo Comitê de Ética da mesma universidade, e aprovada sob o número CAAE 40092020.8.0000.5243/ Parecer 6.459.280. Decorrente desse grande projeto, nasce a dissertação *A assunção da autoria nos processos dialógico-dialéticos de orientação acadêmica: a elaboração de monografias em cursos de licenciatura da Universidade Federal Fluminense (UFF)*, da qual recortamos e refinamos o texto que aqui transcorre.

Neste artigo, portanto, debruçamo-nos sobre os processos atinentes à construção da autoria de licenciandos e licenciandas em fase de orientação acadêmica para a escrita de suas monografias, que são Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC) na referida instituição de ensino superior (IES). Dada a profundidade e a amplitude de nosso estudo, apresentaremos, nesta oportunidade, o levantamento bibliográfico sobre estudos que articulam os eixos *autoria* e *orientação acadêmica*, em cotejo com enunciados outros produzidos em situação de entrevista com estudantes de cursos de licenciatura selecionados, de maneira a dialogar com essas diferentes vozes sobre a construção da autoria do orientando. Nesse

entremeio, o cotejo também acolhe as vozes das pesquisadoras, que vão assumindo posicionamentos axiológicos e encarando a pesquisa como oportunidade de exercício da própria autoria. Nesse sentido, construímos um texto-enunciado que se encontra com textos outros, vozes sociais outras, mediante um processo passível de renovar o já-dito pela criação do pesquisador, que atualiza tais textos e lhes possibilita sentidos e contextos outros (Rufo; Siani, 2017).

Esse escopo teórico-metodológico, aqui sinteticamente apresentado, é a Análise Dialógica do Discurso (Rohling, 2014; Destri; Marchezan, 2021), considerando, pelo menos, os textos selecionados no levantamento, as pesquisadoras mesmas e os estudantes dos cursos de licenciatura em Pedagogia, História, Educação Física e Filosofia que estavam em fase de elaboração de monografias e aceitaram participar de entrevistas em nosso estudo. Esses quatro cursos foram selecionados porque apresentavam taxas altas de reprovação no componente curricular Monografia – tal afirmação tem como base consulta realizada no Sistema de Transparência da UFF (Página principal > Graduação > Consultas > Disciplinas que mais reprovam por curso), abrangendo o segundo semestre de 2022. Nessa perspectiva, o cotejo, decorrente dos estudos do Círculo, é o caminho metodológico escolhido por nós, que apontamos para o caráter dialógico da enunciação (Rufo; Siani, 2017), isto é, para o jogo de vozes e conexões entre enunciados formadores da cadeia de comunicação verbal (Bakhtin, 2011). Compreendemos que os próprios atos únicos de orientação acadêmica e de constituição da autoria de estudantes e professores revelam o caráter dialógico da linguagem, visto que há, na orientação, a interação entre diferentes sujeitos - orientador, orientando, grupos de pesquisa, colegas, pesquisadores outros, os quais, a partir da relação estabelecida na comunidade acadêmica (Ferreira, 2017), produzem conhecimento, partilham saberes, constroem diálogos e, sim, desenham suas identidades autorais.

Dito isso, e para seguir adiante, além desta *seção introdutória*, na qual socializamos as informações basilares de nosso estudo, este artigo é dividido em mais três seções. A seção denominada *Conversas com Bakhtin* apresenta a teoria que apoia a discussão em tela; *Análises dialógicas* expõe o levantamento bibliográfico em cotejo com as apreciações valorativas das próprias pesquisadoras e com os enunciados produzidos pelos estudantes entrevistados; e a última seção, *Conclusões em processamento*, que encerra este texto e procura ampliar as possibilidades dos estudos sobre orientação acadêmica e autoria.

Conversas com Bakhtin, filósofo da linguagem

Frente à riqueza e à amplitude não só da filosofia bakhtiniana, mas também das pesquisas brasileiras que hoje desenvolvem a Análise Dialógica do Discurso (ADD), utilizaremos este espaço para introduzir nosso referencial teórico-metodológico e apresentar conceitos-chave imprescindíveis à leitura crítica dos enunciados decorrentes de nosso estudo, ou seja, aqueles encontrados em nosso levantamento bibliográfico e aqueles produzidos em situação de entrevista. Dentre aqueles atinentes à orientação acadêmica e à autoria, desenvolvemos, ainda que panoramicamente, os conceitos de dialogismo, enunciado, alteridade e excedente de visão. Certamente, outros conceitos bakhtinianos seriam muito coerentes com a nossa pesquisa, mas não teríamos condições, em um curto texto, de inseri-los e trabalhá-los com a qualidade e a profundidade necessárias.

Para dar abertura, é o conceito de dialogismo o ponto de partida, a concepção primeira que sedimenta toda a sociologia bakhtiniana, sendo o cerne de sua epistemologia: “As relações dialógicas são relações (semânticas) entre toda espécie de enunciados na comunicação discursiva” (Bakhtin, 2011, p. 323). Em Acosta-Pereira e Rodrigues (2010, p. 150), é possível compreender que a constituição do eu e do outro acontece por essa via dialógica, sendo a linguagem o elemento vivo e basilar da interação entre os sujeitos. É pela linguagem que se materializam os enunciados, unidades da comunicação verbal irreproduzíveis que, quando citados por outras vozes, tornam-se enunciados novos.

Enquanto ao ato de criação e produção de tais enunciados, Bakhtin (2014) nomeia como enunciação, ou seja, a fala em sua concretude, imbuída por sua natureza social, ideológica, dialógica e discursiva; os enunciados são entendidos aqui como textos concretos orais ou escritos, reais, são unidades verídicas da comunicação discursiva em cada campo da atividade humana. Por assim dizer, enunciados possuem uma duplicidade: são individuais e sociais ao mesmo tempo. Nasce no agora, na dinamicidade do diálogo presente e vivaz, mas não ao acaso, já que respondem a enunciados de outrora, dando-lhes respostas, aderindo-os, refutando-os, reportando-se ao já-dito e apontando para o que virá. Em suma, compreendemos o caráter polifônico de todo processo de enunciação na linguagem, que põe em jogo muitas vozes sociais, as quais, entrando em relação, produzem sentidos. Segundo o filósofo da linguagem:

As relações de sentido dentro de um enunciado (ainda que seja infinito, por exemplo, no sistema da ciência) são de índole lógico-objetiva (no amplo sentido dessa palavra), no entanto as relações de sentido entre os diferentes enunciados assumem índole dialógica (ou, em todo caso, matiz dialógico). Os sentidos estão divididos entre vozes diferentes. A importância excepcional da voz, do indivíduo. [...]

Dois enunciados alheios confrontados que não se conhecem e toquem levemente o mesmo tema (ideia), entram inevitavelmente em relações dialógicas entre si. Eles se tocam no território do tema comum, do pensamento comum. (Bakhtin, 2011, p. 320).

Enunciados estão em constante e infundável relação. Dessa interlocução dialógica, sentidos vão se renovando, renascendo, modificando-se, guerreando uns com outros. Enunciados também, ratificamos, mesmo afastados no tempo e no espaço, terão resquícios de enunciados outros, pois, ao respondermos às palavras alheias com palavras próprias, com nossas *contrapalavras*, causamos uma reiteração em prol da criação de algo novo. Ao negarmos, negamos um outro já-dito e, quando concordamos, aderimos a um dizer dado de antemão. Importa ressaltar que, na corrente de comunicação discursiva, jamais partimos de um ponto zero, pois, como explicou Bakhtin (2011), não somos um Adão, supostamente o primeiro a enunciar. Na verdade, nós partimos de uma noção, uma ideia, um pensamento, uma teoria anterior, dando prosseguimento ao diálogo coletivo.

A interação discursiva, mediante encontros e desencontros, adesão e refutação, acontece pela e na linguagem, mais especificamente, pela e na concretude dessa linguagem, os enunciados, que, além de revelarem a natureza dialógica e dialética do dizer, exprimem a alteridade entre um sujeito e um outro.

Nossos enunciados emergem - como respostas ativas que são no diálogo social - da multidão das vozes interiorizadas. Eles são, assim, heterogêneos. Desse ponto de vista, nossos enunciados sempre são discurso citado embora nem sempre percebidos como tal, já que são

tantas as vozes incorporadas que muitas delas são ativas em nós sem que percebamos sua alteridade (Faraco, 2020, s/p).

Essa alteridade indica o poder das ações, ideias e valores desse outro em nos alterar, nos modificar, nos completar, para um bem ou um mal. Pensando em nossas experiências de leitura-escrita na esfera discursiva acadêmica, da graduação à pós-graduação, percebemos quantos outros nos afetaram e ainda nos afetam no decurso dos diálogos. Por exemplo, no conjunto das atividades estimuladas pelo GEPLA (Grupo de Estudos e Pesquisa em Leitura e Escrita Acadêmica) e LabLa (Programa de Ensino e Extensão Laboratório de Letramentos Acadêmicos), participamos de congressos promovidos por instituições preocupadas em socializar pesquisas sobre educação linguística, frequentamos reuniões de estudos de toda ordem, realizamos pesquisas de campo e escrevemos textos acadêmicos coletivamente, dentre outras ações. Acreditamos que a universidade precisa ser um espaço de acolhimento para questões de textos que se refletem em textos publicados, socializados, apresentados oralmente.

Decerto, em nossos caminhar, em nossos contatos, em nossos encontros e desencontros com o outro, fazemo-nos e nos refazemos a cada dia, dada a eventicidade de nosso ser, em constante continuidade e formação: somos únicos no mundo, não temos álibis, não há um outro eu. Somos sujeitos eticamente responsáveis e responsivos por nossos dizeres e, embora únicos, não somos sozinhos. Nós nos fazemos no outro, alteritariamente, isto é, somos tecidos de muitas vozes participantes ativas de nós, sem que tenhamos consciência disso (Faraco, 2020).

Começando a nos aproximar de nosso objeto de investigação – a orientação acadêmica – vemos que, diante da unidade de nosso ser, precisamos do outro, pois com ele aprendemos e seguimos (ou dele nos desvinculamos). Em um plano ideal, e em alguns casos, ousamos dizer que o orientador tem no seu orientando alguém com quem contar para dar continuidade aos seus próprios estudos, como especialista que é na área, e o orientando tem em seu professor alguém mais experiente e essencial para acolher demandas de formação em pesquisa. Esse professor é quem “desvenda” os caminhos de se fazer pesquisa acadêmica e de registrar seus resultados em um texto concreto, para que o estudante não se sinta sozinho ao ler-escrever-pesquisar. Na verdade, a orientação acadêmica é um trabalho pedagógico (Ferreira, 2017) e educativo (Saviani, 2021) essencial na formação qualificada dos estudantes.

Há aí a compreensão de excedente de visão, entre um e outro, sendo que a visão de mundo de um, no contato com o outro,

[...] condiciona certa esfera do meu ativismo exclusivo, isto é, um conjunto daquelas ações internas ou externas que só eu posso praticar em relação ao outro, a quem elas são inacessíveis no lugar que ele ocupa fora de mim; tais ações completam o outro justamente naqueles elementos em que ele não pode completar-se (Bakhtin, 2011, p. 22).

Em outras palavras, há possibilidades fora do nosso alcance, por isso precisamos do outro para torná-las possíveis. Um sujeito enxerga o que o outro não é capaz de visualizar já que vive dentro de si mesmo, acompanha tudo de dentro si mesmo. É a visão do parceiro dialógico que auxilia a compreensão do outro, é seu olhar exotópico que revela o que está “nas minhas entrelinhas”. Alteridade e excedente de visão são conceitos relacionados no seguinte excerto:

Eu devo entrar em empatia com esse outro indivíduo, ver axiologicamente o mundo de dentro dele tal qual ele o vê, colocar-me no lugar dele e, depois de ter retornado ao meu lugar, completar o horizonte dele com o excedente de visão que desse meu lugar se descortina fora dele, convertê-lo, criar para ele um ambiente concludente a partir desse excedente de minha visão, do meu conhecimento, da minha vontade e do meu sentimento (Bakhtin, 2011, p. 23).

O reflexo do outro em nós e o nosso reflexo no outro é ativo e significativo. Nós, pesquisadoras que trabalhamos com um objeto que possui vida, lidamos não com a coisa muda e estática, mas com o ser que se expressa e fala (Bakhtin, 2011). Precisamos considerar os sujeitos em seus atos, os lugares que ocupam, o tempo-espaço no qual exercem tais atos e seus posicionamentos axiológicos. Aquele que pesquisa assume o compromisso de se posicionar axiologicamente, não é isento e neutro em relação ao objeto, já que “se lança para um universo discursivo e busca, dentro de uma profusão de vozes, um distanciamento analítico” (Rohling, 2014, p. 48). No distanciamento, há permeabilidade, segundo a autora, dos próprios sujeitos que pesquisam, visto que nós temos nossas próprias convicções, nossas histórias, nossas leituras de textos e do mundo.

Em diálogo com Rohling (2014), evidenciamos que as nossas marcas, isto é, quem somos não se desvincula daquilo que escrevemos, os nossos enunciados polifônicos. Autoria é encontrar e combinar a própria voz com muitas outras vozes sociais, dialogando com enunciados alheios para sustentar, criar, refutar etc. outras enunciações. É na dialogia, nas relações sociais das quais o sujeito participa, que sua subjetividade é tecida (Fiorin, 2018). Quando elaboramos nosso texto, tendemos a uma direção ou a outra, dado o horizonte axiológico de nossos enunciados, a partir do qual reivindicamos um ponto de vista (Acosta-Pereira; Rodrigues, 2014) em detrimento de um outro. Assim, estamos, a todo tempo, negociando os sentidos, introduzindo nossos dizeres, nossas histórias, nossas digitais em dizeres alheios, tornando-os outros, únicos e irrepetíveis.

Nesse sentido, refletimos que o estudante que escreve o seu texto monográfico, um gênero do discurso secundário (Bakhtin, 2011) típico da esfera discursiva acadêmica, estará se descobrindo enquanto autor, sujeito ético e esteticamente responsável pela produção de seus próprios enunciados. Ademais, essa elaboração intelectual escrita é um processo artesanal, criativo e dialógico, pois “O texto só tem vida contatando com outro texto (contexto) [...] Por trás desse contato está o contato entre indivíduos e não entre coisas (no limite)” (Bakhtin, 2011, p. 401). O/a professor/a, com suas experiências, visões de mundo etc., é o outro empático, que vê seu orientando e precisa guiá-lo em vista do “não saber” do estudante ou de sua habilidade ainda experimental sobre pesquisa e escrita acadêmica. Este é um trabalho pedagógico *sui generis* de professores/as universitários/as na formação dos futuros profissionais, professores e pesquisadores, como defende Severino (2018), e é o que passamos a estudar.

Análises dialógicas

Neste item, expomos, lemos e analisamos – e dialogamos com – os enunciados/textos produzidos por estudiosos outros no que se refere à autoria e à orientação de trabalhos acadêmico-científicos, enfocando o gênero discursivo monografia em cursos de graduação, em cotejo com os enunciados

produzidos em situação de entrevista por estudantes das licenciaturas em Pedagogia, História, Educação Física e Filosofia da UFF. Antes, convém partilhar e reafirmar algumas descobertas de nossos levantamentos sobre as referidas temáticas:

a) As buscas nos portais CAPES e SciELO (etapa anterior à aplicação do questionário e da entrevista, todas advindas da pesquisa maior) foram realizadas por estudantes (graduandas e mestranda, correspondendo a três graduandas do curso de licenciatura da UFF e uma mestranda em Estudos de Linguagem da mesma instituição), participantes do GEPLA e LabLA e em processo de orientação acadêmica da professora Jéssica do Nascimento Rodrigues.

b) Quanto ao questionário, convocamos os estudantes para respondê-lo mediante entrega de *flyers* com QR-Code que redirecionavam ao site do *Google Forms* - distribuídos aos alunos no campus da universidade. A divulgação também foi realizada através da rede social (Instagram) do LabLA. Posto isso, o questionário foi aplicado a 156 estudantes (28 estudantes de História, 14 de Filosofia, 102 de Pedagogia e 12 de Educação Física). Vale destacar que consideramos a fundamental importância do instrumento questionário, uma vez que, através dele, estabelecemos o contato inicial com os estudantes, o que nos possibilitou realizar as primeiras leituras dialógicas acerca das apreciações dos graduandos sobre a orientação acadêmica, bem como aprofundar alguns conceitos que seriam tratados na etapa seguinte (a entrevista).

c) Para a entrevista, 25 alunos foram convidados a participar, porém apenas 13 estudantes compareceram (6 de Pedagogia, 5 de Filosofia, 2 de Educação Física e nenhum de História). O número se reduziu em relação ao questionário, pois, na etapa da entrevista, realizamos uma filtragem a partir de alguns critérios de exclusão. Assim, não participaram aqueles que ainda não vivenciaram ou não vivenciam o processo de orientação, aqueles que não sentiram a necessidade ou o desejo de evadir do curso, aqueles que indicaram, no próprio questionário, não desejar participar da entrevista.

d) A entrevistas foram realizadas nos formatos online e presencial, de acordo com a possibilidade de cada participante entrevistado/a. De modo online, o grupo de estudos utilizou o *Google Meet*; o momento presencial ocorreu nas dependências da UFF, campus Gragoatá, Niterói, RJ. A entrevista contou com participação de uma a duas entrevistadoras para um/a aluno/a entrevistado/a. Ademais, conforme explicitado no item *a*, foram quatro alunas a realizarem as entrevistas, as quais também participaram da etapa de pesquisa nos portais CAPES e SciELO.

e) No que tange às estratégias, às práticas e aos procedimentos adotados para a condução da entrevista, vale esclarecer os estudantes confirmaram sua participação por meio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE); as sessões foram gravadas (áudio quando presencial e vídeo quando online) mediante permissão dos graduandos. Também nos valem de anotações, mediante diário de bordo, das enunciações, reações e sentimentos dos estudantes. Procuramos manter um ambiente seguro e acolhedor, no qual deixamos claro que também éramos estudantes cientes e experientes das adversidades de se escrever na universidade etc.

f) Ainda sobre as buscas, no portal de teses e dissertações da CAPES, primeiro banco de dados utilizado, chegamos a 2048 resultados e, após filtragem, considerando o objetivo do estudo, selecionamos apenas 15 textos, dentre dissertações e teses.

g) No portal do SciELO, segundo banco de dados utilizado, encontramos 39 títulos, mas, após o refinamento decorrente das intenções da pesquisa, restaram apenas 3 textos, todos artigos científicos.

Para chegarmos aos resultados acima descritos, o recorte temporal foi o período de 2010 a 2022 tanto na CAPES quanto no SciELO. Restringimos a busca a publicações brasileiras nas grandes áreas Ciências Humanas, Linguística, Letras e Artes. Nas duas buscas, fizemos várias combinações entre descritores, como orientador AND orientação, orientação AND licenciatura, orientação acadêmica AND monografia, dentre outras. Os textos selecionados, para serem incorporados a nossa pesquisa, precisavam responder positivamente a três perguntas: (i) O artigo/ tese/ dissertação aborda a elaboração da monografia e/ou TCC e/ou trabalho de conclusão de curso na graduação/ ensino superior? (ii) O artigo/ tese/ dissertação aborda a relação entre orientador/orientando durante o processo de orientação na graduação? (iii) Esta pesquisa aborda cursos de licenciatura/ formação docente/ formação inicial?

Nesse universo de possibilidades de estudos propiciados por nossas buscas, definimos o recorte da construção da autoria nesses processos de escrita monográfica sob orientação acadêmica e chegamos a um total de apenas 4, por estarem diretamente relacionados ao contexto deste artigo: Dias (2013), Marcelino (2015), Pereira (2012) e Rodrigues (2012). Desse modo, a fim de complementar a discussão, inserimos, no âmago da reflexão, textos outros atinentes ao nosso refinamento.

Com os resultados, observamos que as pesquisas sobre orientação acadêmica, sobretudo vinculadas à licenciatura, são escassas, sinalizando para a necessidade de que sejam realizadas mais pesquisas sobre esse trabalho pedagógico fundamental na formação universitária. De acordo com Machado (2012, p. 62), referindo-se à pós-graduação, “O que fica patente é que poucos discursos e pouca pesquisa têm se desenvolvido em torno do tema da orientação”. Nossa pesquisa aponta para o fato de que, na graduação, os estudos são ainda mais esparsos.

A pesquisa *Relações dialógicas entre orientadores/as e orientandos/as: o processo de ensino-aprendizagem da pesquisa e da docência mediante produção do gênero discursivo monografia nos cursos de licenciatura da UFF* também incluiu o campo. Filtrando os cursos de licenciatura dessa universidade que apresentavam altas taxas de reprovação nas disciplinas de Monografia, após analisar seus Projetos Pedagógicos de Curso (PPC), chegamos aos cursos de Filosofia, História, Educação Física e Pedagogia. Aos/às estudantes desses cursos, aplicamos questionário e, posteriormente, realizamos entrevistas com eles/as.

Assim, com base nos textos filtrados e nos enunciados produzidos durante as entrevistas, considerando o posicionamento axiológico das pesquisadoras em “confronto” (Andreis, 2017) com os/as estudantes, chegamos às categorias de análise. Ressaltamos que elegemos aqui algumas categorias dentre as geradas coletivamente durante a pesquisa maior do GEPLA/LabLA. Ademais, a “separação” entre as categorias, que surgiram das análises dialógicas dos enunciados, permite e estimula seu entrecruzamento nos discursos, dadas as camadas de produção de sentidos decorrentes da situação de enunciação. As categorias são as seguintes: *a orientação acadêmica enquanto intervenção na escrita; a orientação acadêmica enquanto ensino da escrita; a orientação acadêmica enquanto ensino da pesquisa; a orientação acadêmica enquanto diálogo sobre/para a escrita; e a orientação acadêmica enquanto formação autoral.*

Pensando em tais categorias - criadas a partir das visões sobre orientação acadêmica no diálogo com enunciados outros –, apresentamos as reflexões de Bianchetti e Machado (2012, p. 171) sobre a orientação acadêmica na pós-graduação:

[...] através do processo de orientação que o aprendiz de pesquisador pode dar, com segurança, os passos necessários ao domínio dessa difícil prática, que é a pesquisa, de modo a ganhar, ao cabo do processo formativo, a indispensável autonomia intelectual que lhe permitirá formular projetos próprios, de caráter original.

Reconhecemos na atividade de orientação de pesquisas acadêmicas, em adesão ao posicionamento dos autores, a noção de ensino da pesquisa ao jovem estudante, pesquisador e autor em formação. Essa orientação se desencadeia para que seja desenvolvido letramento científico e acadêmico do estudante, considerado como práticas sociais de leitura e escrita na esfera discursiva acadêmica (Rodrigues; Rangel, 2018). Nesse processo formativo ininterrupto, o estudante vai ganhando confiança para escrever, superando gradualmente o medo e a insegurança inerentes ao exercício da escrita científica. Logo, a orientação do professor, mais experiente, contribui para o amadurecimento do estudante, para a sua autonomia na escrita, na pesquisa e na profissão.

Em Bachelard (1996 *apud* Marcelino, 2015), essa autonomia intelectual referida, compreendida aqui como autoria, é denominada “espírito científico”. Na tese *Ensinar a escrever na universidade: a orientação de trabalhos de conclusão de curso em questão*, o que Marcelino (2015) entende por espírito científico é referente à ideia de um estudante que questiona os saberes em circulação e, nesse ato, constrói o novo. Esse questionamento, a nosso ver, é uma atividade de diálogo com vozes e enunciados outros, de modo a refutá-los, confrontá-los, cindi-los. Os enunciados participam junto a outros de uma cadeia dialógica, na qual interagem, pois “não pode haver enunciado isolado” (Bakhtin, 2011, p. 371). Conforme esse pensar, o caminho de construção da autoria supõe um agente participativo, que reage e se posiciona valorativamente em dado lugar ao comunicar, apresentar e tecer pontos de vista acerca do objeto estudado, construindo enunciados únicos, mas também sociais, por serem dialógicos e expressarem a polifonia de vozes ativas (Bakhtin, 2011) acerca de dado tema.

Um caso que exemplifica essa ideia de constituição da autoria vinculada à participação dialógica do sujeito em enunciados outros, produzindo dizeres únicos, é perceptível na enunciação de Edgar, nome fictício de um estudante de Filosofia da UFF, que explicita ter se desenvolvido enquanto sujeito na academia, que pesquisa e é autor de seus textos, a partir do diálogo com seu orientador. Seu dizer evidencia a categoria *A orientação acadêmica enquanto diálogo sobre/para a escrita*:

Uma vez na semana. Muito muito papo por WhatsApp, muita troca de áudio, muita troca de de textos por ali também. E, então, assim, a partir do momento que... é... receber essa orientação, passei a escrever de outra forma, a cada página minha eu mandava pra ele. “Cara, escrevi essa página, que você acha?”, “Ah, tá melhor, mas isso aqui tem que melhorar”. Então, na página seguinte, eu já melhorava o que tava ruim na página um. E assim foi um acompanhamento mais... éé.... Mais próximo, mais creche, mais maternal (risos), mais próximo ali, para poder construir essa, esse meu texto. E aí sim. Funcionou melhor isso que eu fui corrigindo até o momento que as últimas páginas eu já tinha entendido como é que era um texto acadêmico e aí a escrita fluiu muito.

Marcelino (2015) acredita na atuação do orientador como constitutiva para a criação do dito espírito científico, o que reflete a fala de Edgar e aponta para muitos outros diálogos estabelecidos entre

nós e os estudantes. A autora entende ser positiva a ação de orientar um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), tomando-o como um ensaio, pois essa iniciativa garante que a produção final seja “um laboratório de experimentação, em que se valorize a possibilidade de testar possibilidades, reler-se e reescrever-se a partir delas” (Marcelino, 2015, p. 37). Vemos que estão aí, então, o compromisso do orientador em ensinar pesquisa de uma maneira dialógica, encontrando-se com a categoria da orientação enquanto ensino da pesquisa. O docente intervém na produção do orientando instigando-o a repensar suas ideias, melhorar pontos do texto e inserir outros autores na cena do texto. A partir disso, o estudante é também convidado a reagir responsável e responsivamente ao que foi posto por seu orientador. Fica evidente a reescrita como uma prática essencial, de aprendizagem da escrita, e a orientação acadêmica enquanto intervenção na escrita como um modo de levar o aluno à ação.

A experiência da estudante Elenice, do curso de Pedagogia da UFF, esclarece o argumento de Marcelino (2015) sobre o ato da escrita ser também uma experimentação, uma oportunidade de reflexão para o licenciando:

Então quando ele pedia para a gente fazer a segunda versão, era sempre muito mais exigente do que a primeira, porque tinha que praticamente reescrever, o que você já tinha escrito, porque ele... Ele sinalizava tudo... tudo que era equívoco, sabe? É.. voltava o texto para a gente todo sublinhado... assim... cheio de de observação, que embora é... seja para muitas pessoas desagradável pegar um tex... Eu não acho, para mim, na verdade, eu acho interessante, assim, você... É quase que uma conversa que a gente não consegue ter com o professor quando a gente escreve um trabalho. Entendeu? De uma forma bem generosa, que ele também não... Ele não desrespeitava o que a gente fazia, então achava bacana isso, entendeu? Era como se fosse uma conversa. A gente mandava e aí ele mandava para a gente de volta.

Em conformidade à fala de Elenice, Rodrigues (2012, p. 22) salienta, em sua dissertação intitulada *Subjetividade e autoria: a reescrita acadêmica pós-intervenção do orientador*, que, no processo de escrita do orientando, cabe ao orientador “proporcionar (ao estudante) um diálogo com seu produto criado, a fim de que ele ‘enxergue’ em sua própria produção a relação que mantém ou precisa manter com seu objeto de estudo e a forma com que ele precisa trabalhar suas várias posições no discurso”. Aqui a orientação acadêmica enquanto diálogo sobre/para a escrita ganha relevo, de modo que a própria estudante menciona que a abordagem da orientadora em sua monografia transmitia a ideia de uma conversa – que não é mera conversa, ressaltamos. Nesse caso, o importante é que a pesquisa reflita quem é o orientando, sua identidade, suas digitais. Longe de ser um trabalho vazio, por não ter as marcas de quem pesquisa, é um estudo no qual se pode enxergar e promover a autoria do orientando, que está a todo tempo gerenciando vozes sociais e negociando sentidos. É nesse sentido que a orientação acadêmica é formação autoral. Para tanto, precisamos do outro, por não sermos sujeitos isolados, mas dialógicos, estando no mundo com sujeitos outros.

A presença de si e do diálogo na tessitura de um texto acadêmico pode ser visualizada na enunciação de Manuela, do curso de Pedagogia:

Eu acho que a monografia só tem importância quando ela faz sentido para a gente. Acho que fora isso, vira só um produto, sabe? Só uma coisa. Para mim, só... É... Essa importância de

um trabalho monográfico só existe quando atrelado a isso. É isso que você quer escrever? É isso que você quer? A sua vontade de falar sobre um assunto. E eu acho importante porque é um trabalho de pesquisa, né. Então... é... esse processo de você buscar a referência, de você pesquisar, de você conversar sobre isso.

Ao se fazer pesquisa acadêmica, esses outros são os orientadores, os professores de disciplinas, os colegas de grupos de estudo/ de sala de aula, os autores lidos em artigos, monografias, teses e dissertações etc. Nesses diálogos, reescrevemos, respondemos, reagimos positiva ou negativamente a dado enunciado. Isso ocorre, pois a produção de nosso texto incide em “tudo o que é repetido e reproduzido e tudo o que pode ser repetido e reproduzido, tudo o que pode ser dado fora de tal texto (o dado) [...]” (Bakhtin, 2011, p. 309-310), e em tudo o que pode ser criado, dada a singularidade e unicidade de cada escrito.

Em conformidade com Rodrigues (2012), Dias (2013, p. 23) defende, na dissertação *Vozes diluídas, camufladas ou exaltadas na fronteira entre a autoria e o plágio*, a ideia da essencialidade do papel do professor, em especial na formação e orientação do aluno quando da confecção de seus escritos. Sem desconsiderar a questão do plágio (um empecilho à autoria, um obstáculo à construção de relações dialógicas), Dias (2013, p. 37) reconhece que “Fazer-se autor em pesquisa é uma árdua tarefa, uma vez que aquele que enuncia estabelece relações com o outro”. Autoria requer relação, requer que nos posicionemos singularmente enquanto conversamos com variadas e heterogêneas vozes. Através dessas vozes e dos sujeitos “donos” delas, transformamos e somos transformados, pois os outros, com que nos relacionamos, são um outro alteritário, essencial para nossa escrita, principalmente o professor orientador, diretamente envolvido em nossa relação com a produção do texto acadêmico. Essa alteridade, que proporciona um olhar outro, mais sensível, experiente, afetivo, aparece em Cecília, curso de Filosofia, entrelaçando as categorias da orientação acadêmica enquanto diálogo sobre/para a escrita e a orientação acadêmica enquanto formação autoral:

[...] mas ela tá junto comigo no trabalho, isso que é pra mim muito importante, né né né aquele: “não sei sobre isso pergunta outra pessoa” e o “Não sei sobre isso mas a gente vai fazer isso juntas” e aí é uma orientação nesse sentido, você tá trabalhando junto comigo, isso é essencial também, foi essencial pra mim entender, é como que isso seria possível né, viável o meu, o meu tema.

Em Pereira (2012, p. 48), cuja tese é denominada *A produção do gênero monografia em cursos de professores e alunos do curso de Letras*, há o argumento da “orientação como elemento constitutivo da produção no contexto universitário”. Atrelado a isso, na investigação, a autora realiza descobertas interessantes sobre orientação, ao entrevistar professores viventes desse processo: “na graduação, o professor é o responsável por mostrar as possibilidades de pesquisa e de objetos, a fim de fazer o aluno enxergar e buscar seus próprios caminhos de investigação” (Pereira, 2012, p. 137). A expressão-chave está em “próprios caminhos de investigação”, por compreender que se associa à ideia de autoria, apontando para a orientação enquanto um processo de ensino, e oferece meios para que o orientando comece a “caminhar com as próprias pernas”. O orientador, assim, desperta o olhar de seu orientando para a investigação (Pereira, 2012). O discente precisa desse olhar de fora, exotópico, para

ir além na escrita, superando as próprias limitações. Ter um outro, o orientador, que vê de “de fora”, que projeta um olhar amplo, é o que alimenta a aprendizagem da escrita e encaminha o estudante para sua autoria. Eliane, estudante do curso de Pedagogia faz um importante apontamento sobre essa presença externa, a do orientador de pesquisa:

Então, eu, nesse momento, eu acho que esclarecer as ideias, porque a gente se bebendo de muito referencial e as vezes a nossa ideia tá muito nublada e a gente quer escrever de muita coisa, as vezes, e nos perdemos, eu vejo, coloco muito como a função do orientador, é, pra tentar guiar, esclarecer um pouco as ideias, sabe?

Em Padilha (2011, p. 96), “o movimento exotópico permite ao mesmo tempo evidenciar e relativizar a não coincidência entre sujeitos históricos envolvidos na produção do conhecimento”. Somos singulares e ao mesmo tempo sociais, temos pontos de aproximação e diferença em relação ao outro, ou melhor, somos “uma existência única, diferente, mas não-indiferente” (Miotello, 2017, p. 96). Pela visão externa, que é vinda do outro, construímos saberes, uma vez que o olhar do outro sobre mim excede a visão “limitada” que tenho sobre mim mesmo. Os sentidos que produzimos sobre dado objeto de estudo alcançam a produção de sujeitos outros, seus horizontes de visão, resultando também em compreensões outras por nós tecidas. Há no outro uma possível resposta procurada para suprir nosso inacabamento. Dessa maneira, questionamos: quem é esse sujeito outro, orientador do texto acadêmico? Quem é esse ser significativo para as práticas de leitura-escrita do graduando, essa existência diferente, mas não indiferente, que é concessão e doação (Miotello, 2017), personagem necessário para a construção autoral do licenciando?

Na categoria da orientação acadêmica enquanto intervenção na escrita, percebemos, com o trabalho de Rodrigues (2012), que a intervenção do orientador – que também é processo de ensino – é significativa para o agir do orientando no texto. No entanto, a intervenção de que se fala é um ato que permite ao estudante ser protagonista, não é só “mandar” o discente fazer algo no texto (sem que ele possa reagir com suas *contrapalavras*), não é apenas corrigir friamente, mas contribuir para o pensar do aluno, para sua inserção na própria pesquisa e, assim, para sua autoria, mediante comentários, por exemplo, que instiguem o licenciando a reagir. Em nossa pesquisa, identificamos que muitos orientadores de monografia fazem poucas ou nenhuma intervenção nos textos dos estudantes, como dialogamos com Cecília, do curso de Filosofia:

[...] com ele o meu primeiro orientador eu me sentia muito perdida, parecia que eu tinha que fazer o trabalho todo eu acho, cara não era uma orientação era você tem um tema, você tem dois livros, trabalhe esses dois livros e faça seu TCC pronto. Era, era e não acessível, ele não era acessível.

O mesmo ocorreu com Juliana, também estudante de Filosofia, que se sentiu desorientada ao escrever sua monografia, em razão do distanciamento do orientador e da escassa intervenção em seu escrito:

[...] meu orientador leu uma vez o meu trabalho e depois só a versão final, então todo mundo que eu podia pedir para ler, eu pedia, mas eu acho que a parte mais difícil mesmo foi essa questão do feedback, não ter tanto feedback atrapalhou muito.

Em Marcelino (2015), vislumbramos a categoria *A orientação acadêmica enquanto ensino da escrita e como intervenção na escrita*, visto que a autora adere à ideia de intervenção como um des-pertamento para o estudante, de maneira que ele passe enxergar o que antes era imperceptível aos seus olhos. Esse pesquisador-autor em formação retorna ao seu escrito com um olhar outro, mais atento, alimentando o texto com as compreensões geradas a partir do “toque” dado pelo orientador. Edgar, do curso de Filosofia, confirma que o fato de seu orientador trabalhar na área de pesquisa acadêmica propiciou maior “exigência” do docente, isto é, um olhar mais amplo e consciente sobre a escrita do aluno, dando-lhe um encaminhamento:

É... eu entendo hoje, olhando pra trás, que eu também escolhi um professor que é pesquisador. Isso tornou ele mais exigente pra mim. Isso é bom. Eu aprendi com a escrita acadêmica [...].

Lendo Dias (2013), percebemos que, enquanto sujeito responsável pela formação de futuros professores que também ensinarão a pesquisa aos seus futuros alunos, o orientador que orienta a prática investigativa deve guiar os seus orientandos sobre como “manusear todo o arsenal de busca” (Dias, 2013, p. 24), sendo um processo de ensino-aprendizagem sobre o fazer pesquisa que favoreça o espírito crítico e a expressão da voz autoral do aluno pesquisador, segundo o mesmo autor. À guisa de exemplificação, no âmbito do nosso grupo de estudos, o GEPLA, nossos encontros/ reuniões são sempre guiados/as por professores e professoras que acolhem as questões dos estudantes pesquisadores (graduandos, mestrandos e doutorandos) sobre o processo de fazer pesquisa, sobre o que é a escrita acadêmica, sobre os procedimentos de busca em portais que disponibilizam textos científicos, assim como sobre como utilizá-los no contexto de nossa escrita. Em outras palavras, são professores/as/ orientadores/as que nos instigam a pensar cientificamente e autonomamente mediante um trabalho de letramento acadêmico.

Quanto a isso, e de maneira complementar aos demais autores/as que entraram em nosso cotejo, enxergamos a importância do orientador em cada etapa da pesquisa, já que a escrita é um processo gradual. Para Dias (2012, p. 94), deve haver “um trabalho de orientação que inicie desde a produção do projeto de pesquisa perpassando até a construção do texto monográfico”. Vejamos o que relata Aline, graduanda de Pedagogia, sobre essa processualidade da escrita e da presença ativa do orientador:

[...] orientador deveria poder, eh, dentro do tema escolhido pelo, pelo orientando, poder ajudar ali na escolha dos, tanto dos materiais que ele tá, tá fazendo como referencial, a escrita, o que mudar na escrita, eh, fazer a leitura dos textos de, de a condução do feedback, no que talvez melhorar, no que acrescentar, eh, no no que caminho ele pode, eh, fluir durante a, ao processo de escrita.

Compreendemos que a enunciação de Aline dá relevo a uma conjugação de categorias: a orientação acadêmica enquanto ensino da escrita, enquanto intervenção na escrita, enquanto ensino da pesquisa. A estudante utiliza palavras e expressões-chave que sustentam nosso ponto de vista, quais sejam: *feedback*, *ajuda* do orientador quanto às escolhas, mudanças e melhoramentos no texto, dentre outros.

Enfim, em todos os casos expostos, analisados e cotejados, é a presença de um sujeito diferente e experiente (o orientador) – sujeito responsável –, não indiferente ao seu orientando e ao seu escrito, que corrobora para a construção autoral desse pesquisador iniciante, por oferecer amparo, segurança e orientação valiosa para a continuidade da escrita do texto final. Nesse ínterim, a fim de sintetizar o que foi discutido nesta seção, reconhecemos que:

a) o trabalho de orientação é uma prática interativa e dialógica, ocorrendo entre professor e aluno de modo gradual, o que significa que a presença de um orientador atento às necessidades, dificuldades e potencialidades quando da escrita de seu orientando, corrobora para o autorreconhecimento do estudante enquanto sujeito responsável pela leitura-escrita de seu texto, construindo, assim, sua identidade de autor-pesquisador;

b) há uma mudança no modo do estudante se relacionar com seu escrito quando se sente apoiado e valorizado por seu orientador, e ainda que as visões de ambos para dado tema ou dado rumo da escrita se contrariem, a postura do orientador, enquanto sujeito mais experiente, mostrará ao estudante o caminho que é viável, a ser trilhado em sua escrita, sem que, para isso, rejeite o aluno e suprima suas ideias.

Enfim, conforme nos relata Freire (1994, p. 262), para além de intelectuais, as relações entre orientador e orientando “devem ser afetivas, respeitosas, capazes de criar um clima de mútua confiança que estimula em lugar de inibir a produção do orientando”.

Conclusões em processamento

Nossos estudos são decorrentes de um trabalho em movimento, que não se finda e que sempre será alimentado por vozes outras em relação dialógica com outros enunciados, sempre novos, entre o dado e o criado (Bakhtin, 2011). Este fechamento em processamento é, na verdade, um convite para que sujeitos outros possam pensar e repensar a prática de orientação acadêmica e a construção da autoria do estudante, na sua formação inicial, em fase de escrita de um trabalho final.

Esta pesquisa nos possibilitou enxergar alguns pontos centrais que merecem destaque: na busca por pesquisas que versam sobre a orientação acadêmica, verificamos que há uma carência de estudos acerca do tema, principalmente em cursos de graduação (a grande maioria das investigações repousa sobre a pós-graduação); no contexto de nosso cotejo, a partir da leitura dialógica das entrevistas com alunos/as das licenciaturas aqui apresentadas, percebemos uma diversidade de papéis acumulados pelo orientador, havendo posições divergentes sobre a função desse/a profissional, bem como práticas dissonantes de cada orientador/a: alguns se distanciam de seu/sua orientador/a, priorizando apenas a faceta estritamente científica/intelectual de sua prática ou, quando não, deixam o jovem pesquisador à deriva, tendo de descobrir por si só o que fazer com sua pesquisa; outros, por sua vez, dão subsídio não apenas à pesquisa partindo de um ponto de vista científico/intelectual, mas também abraçam o lado pedagógico de seu trabalho, o que inclui o afeto e o diálogo com o estudante em fase de escrita, possibilitando que este se sinta seguro ao escrever - visão que corrobora com Freire (1994).

Dessa maneira, (re)descobrimos a necessidade da presença ativa do outro, professor orientador, para a escrita do orientando aprendiz na perspectiva do diálogo. As intervenções desse docente são o

que move o estudante rumo a uma escrita de qualidade, segura, livre e autoral. Por isso, abraçamos o argumento segundo o qual a orientação prepara o estudante para a autonomia e para a autoria, o qual começa a trabalhar seu olhar para o próprio texto, percebendo-se no escrito (Rodrigues, 2012), administrando as diferentes vozes que o atravessam e produzindo a sua voz única em meio à multiplicidade de dizeres. Ancoradas na leitura bakhtiniana, compreendemos que o enunciado é dialógico/polifônico do ponto de vista social e reflete os variados posicionamentos de sujeitos outros.

Autoria, assim, é assumir o caráter polifônico da linguagem, respeitando as diferentes vozes em torno do objeto de estudo e reconhecendo seu próprio lugar de enunciar. Somos sujeitos de experiências e vivências únicas (Bakhtin, 2011; Miotello, 2017) dentro e fora da esfera discursiva acadêmica, sendo essas experiências e vivências parte significativa de quem somos e, por conseguinte, parte dos textos que escrevemos. Como não vivemos isolados, afinal somos seres históricos, sociais e políticos, essas experiências e vivências também se constituem do outro, com quem nos relacionamos e através de quem somos alterados, atingidos, metamorfoseados.

Sem a intervenção do orientador, sem a presença desse outro alteritário, ético, responsável, defendemos que há um comprometimento da formação acadêmica e científica do estudante, sobretudo em um momento único em sua vida, a produção de um texto monográfico, muitas vezes o primeiro escrito decorrente de uma pesquisa de sua autoria. A orientação, inclusive, deve oportunizar a independência do graduando, para além da tessitura do trabalho final, ou seja, para sua atuação enquanto professor e profissional que reflete cotidianamente sobre sua práxis e sobre os enunciados produzidos acerca do seu fazer. Que esse futuro professor-profissional-pesquisador seja autor de sua práxis e, nela, de seus textos, posicionando-se no mundo com ética, comprometimento e responsabilidade.

Referências

- ACOSTA-PEREIRA, R.; RODRIGUES, R. H. 2010. Os gêneros do discurso sob perspectiva de análise dialógica do discurso do Círculo de Bakhtin. *Letras*, **20**(40):147-162. <https://doi.org/10.5902/2176148512149>.
- ACOSTA-PEREIRA, R.; RODRIGUES, R. H. 2023.O conceito de valoração nos estudos do Círculo de Bakhtin: a inter-relação entre ideologia e linguagem. *Linguagem em (Dis)curso - LemD*, **14**(1):177-194. <https://doi.org/10.1590/S1518-76322014000100011>
- ANDREIS, A. M. 2017. Cotejo e confroencontro. In: GRUPO de Estudos dos Gêneros do Discurso – GEGe – UFSCar (org). *Palavras e contrapalavras: entendendo o cotejo como proposta metodológica*. São Carlos, Pedro & João Editores, p. 11-16.
- BAKHTIN, M. 2011. *Estética da criação verbal*. 6. ed. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 476 p.
- BAKHTIN, M. 2014. *Marxismo e Filosofia da Linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. 16. ed. Trad. de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 208 p.

- BIANCHETTI, L.; MACHADO, A. M. N. 2012. *A bússola do escrever: desafios e estratégias na orientação e escrita de teses e dissertações*. 3. ed. São Paulo, Cortez, 412 p.
- DIAS, W. T. 2013. *Vozes diluídas, camufladas ou exaltadas na fronteira entre a autoria e o plágio*. Rio de Janeiro, RJ. Dissertação (Mestrado). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 192 p.
- FARACO, C. A. 2020. *Linguagem & diálogo: as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin*. São Paulo, Parábola Editorial, 165 p.
- FERREIRA, L. S. 2017. Comunidade acadêmica: a orientação como interlocução e como trabalho pedagógico. *Acta Scientiarum: Education*, **39**(1): 103-111. <https://doi.org/10.4025/actascieduc.v39i1.27949>
- FIORIN, J. L. 2018. *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. 2. ed. São Paulo, Contexto, 156 p.
- FREIRE, P. 1994. 16.^a Carta: o papel do orientador de trabalhos acadêmicos numa perspectiva democrática. In: P. FREIRE. *Cartas a Cristina: reflexões sobre minha vida e minha práxis*. São Paulo, Paz e Terra, p. 261-270.
- MACHADO, A. M. N. 2012. A relação entre autoria e a orientação no processo de teses e dissertações. In: L. BIANCHETTI; A. M. N. MACHADO (orgs.). *A bússola do escrever: desafios e estratégias na orientação de teses e dissertações*. 3. ed. São Paulo, Cortez, p. 60-81.
- MARCELINO, M. de M. 2015. *Ensinar a escrever na universidade: a orientação de trabalhos de conclusão de curso em questão*. São Paulo, SP, Tese (Doutorado). Universidade de São Paulo, 190 p.
- MIOTELLO, V. 2017. O cotejo se dá na unidade da resposta. In: Grupo de Estudos dos Gêneros do Discurso (orgs.). *Palavras e contrapalavras: entendendo o cotejo como proposta metodológica*. São Carlos, Pedro & João Editores, p. 95-97.
- PADILHA, S. de J. 2011. Relendo Bakhtin: autoria, escrita e discursividade. *Polifonia*, **18**(23): 91-102. <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/polifonia/article/view/24>
- PEREIRA, C. C. 2012. *A produção do gênero monografia em discursos de professores e alunos do curso de letras*. Natal, RS. Tese (Doutorado). Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 301 p.
- RODRIGUES, A. B. 2012. *Subjetividade e autoria: a reescrita acadêmica pós-intervenção do orientador*. Belém, PA. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Pará, 212 p.
- RODRIGUES, J. do N.; RANGEL, M. 2018. Os desafios da escrita para licenciados de Pedagogia: Apreciações valorativas sobre o ensino de gêneros discursivos acadêmicos. *Cadernos de Linguagem e Sociedade*, **19**(1): 26-52. <https://doi.org/10.26512/les.v19i1.10880>.
- ROHLING, N. 2014. A pesquisa qualitativa e Análise Dialógica do Discurso: caminhos possíveis. *Cadernos de Linguagem e Sociedade*, **15**(2): 44-60. <https://doi.org/10.26512/les.v15i2.7561>
- RUFO, A. D.; SIANI, A. C. 2017. O cotejo como compreensão e avaliação do lugar único do pesqui-

sador. In: Grupo de Estudos dos Gêneros do Discurso (orgs.). *Palavras e contrapalavras*: entendendo o cotejo como proposta metodológica. São Carlos, Pedro & João Editores, p. 87-94.

SEVERINO, A. J. 2018. *Metodologia do trabalho científico*. 24 ed. São Paulo, Cortez, 317 p.

Submetido: 28/08/2025

Aceito: 12/12/2025